

SIMÃO DO DESERTO

Simón del desierto

Um filme de Luis Buñuel

com Claudio Brook, Silvia Pinal, Hortensia Santoveña, Jesús Fernández, Enrique Álvarez Félix,
Eduardo García Álvarez, Luis Aceves Castañeda, Eduardo McGregor

México, 1965 — 43' | M/12

ESTREIA COMERCIAL EM PORTUGAL

FESTIVAL DE VENEZA 1965 - PRÉMIO ESPECIAL DO JÚRI | PRÉMIO FIPRESCI



Simão, o Estilita, aspira à santidade e vive numa coluna no deserto, passando os dias a rezar e a benzer os fiéis que o vêm ver. O Diabo, através das suas encarnações terrenas, usa diversos subterfúgios para o tentar, sem sucesso. Consegue, no entanto, fazê-lo abandonar a coluna e levá-lo para uma boíte nova-iorquina.

“[...] uma das obras mais importantes de Buñuel, das mais fascinantes e perturbadoras” (João Bénard da Costa), Simão do Deserto, premiado no festival de Veneza, foi proibido em Portugal e só agora se estreia finalmente em sala.

SIMÓN DEL DESIERTO

Após a primeira projecção de *El Ángel Exterminador*, Gustavo Alatríste chegou-se a mim e disse:

— *Don Luis, esto es un cañón.* Não percebi nada.

Um cañón significa: uma coisa muito forte, um choque, um grande sucesso.

Dois anos depois, em 1964, Alatríste deu-me a oportunidade de realizar no México um filme sobre o espantoso personagem de São Simão Estilita, esse eremita do século IV que passou mais de quarenta anos no topo de uma coluna, no deserto da Síria.

Era um projecto que eu tinha há muito tempo, desde que Lorca me tinha dado a ler *A Lenda Dourada* [de Voragine] na Residência. Ele ria-se muito quando lia que ao longo da coluna

os excrementos do eremita pareciam cera escorrendo por uma vela. Na realidade, como se alimentava apenas de algumas folhas de alface que lhe içavam num cesto, os dejectos dele deviam ser mais parecidos com caganitas de cabra.

Em Nova Iorque, num dia de chuva muito forte, fui pesquisar na biblioteca situada na esquina da 42ª rua. Existem muito poucos livros sobre este tema. Entro na biblioteca por volta das cinco da tarde, procuro a ficha do livro que pretendo consultar, o melhor, o do padre Festugières, a ficha não está na gaveta. Volto-me para trás: está um homem atrás de mim. Tem a ficha na mão. Mais uma coincidência.

Escrevi o argumento completo de uma longa-metragem. Infelizmente, Alatríste teve alguns problemas financeiros durante a rodagem e tive de cortar o filme pela metade. Tinha previsto uma cena debaixo da neve, peregrinações, e até uma visita (histórica) do imperador bizantino. Tive de suprimir todas estas cenas, o que explica o carácter algo abrupto do final do filme.

Tal como está, ganhou cinco prémios no festival de Veneza, algo que não aconteceu a mais nenhum filme meu. Acrescento que não estava ninguém para receber esses prémios. Mais tarde, seria exibido com *História Imortal* de Orson Welles.

Hoje, creio que *Simón del Desierto* poderia ser já um dos encontros dos dois peregrinos de *A Via Láctea*, a caminho de Santiago de Compostela.

Luis Buñuel, *O Meu Último Suspiro*, Ed. Fenda, Lisboa, 2006

Excerto de entrevista a Luis Buñuel na revista *Griffith*, nº 1, Madrid, Junho de 1965
(in *Luis Buñuel: biografia crítica*, de J. Francisco Aranda, publicado por Editorial Lumen)

GRIFFITH — Você sempre fez filmes com baixos custos de produção. Não precisou de orçamentos mais elevados para certas histórias?

*BUÑUEL — Sempre que num guião se escreve “a barca aparece nas ondas e chega o vendaval ou a tempestade”, toma-se tempestade, e vendaval, por tudo o que signifique, mecanicamente, dificuldades de rotação. O meu objetivo é contar uma história com quatro ou cinco personagens. Nada de rios com cheias nem batalhas de romanos. Nunca pensei em fazer uma história cara. Às vezes faltam-me os meios técnicos para contar adequadamente as minhas histórias. *Simão do Deserto* teria efeitos especiais a que tive que renunciar por falta de meios. Os estúdios mexicanos são imbatíveis enquanto espaços, mas o material tem 25 anos. Já é antiquado. Tudo é velho e a maquinaria chia. Neste meu último filme tive a sorte de poder utilizar uma grua. Era indispensável, uma vez que o *Simão* passa todo o filme no alto de uma coluna, imóvel, e há uma série de diálogos com as pessoas que de um lugar abaixo lhe pedem favores. O diabo que tenta seduzi-lo, e quando se move, a câmara com grua poderia acompanhá-lo. É um filme de rotação familiar. O que sempre preciso é poder ter a câmara em movimento - claro, sem que seja evidente - porque acredito no poder hipnótico da imagem dinâmica. Aquilo a que chamo adormecer o espectador.*

*GRIFFITH — Como é *Simão do Deserto*, que acaba de ser premiado em Veneza? Porque tem apenas a duração de cinco rolos?*

*BUÑUEL — *Simão* é, antes de tudo, um documentário sobre um anacoreta. Até ao século XIV e no mundo oriental, existiram centenas de estilistas. São *Simão* foi o fundador, mas o meu chama-se simplesmente *Simão*. É mais um, não é o santo. Muitos destes estilistas abandonaram a coluna, não sendo capazes de chegar ao fim. Foram vencidos pelas tentações, mortos pelos raios de sol, ou chegavam as ondas que os arrastavam das colunas. Os estilistas proliferaram por todo o mundo; na Rússia, na Europa, na África. Existiram centenas deles. Comiam folhas de alface e bebiam a água que lhes levavam de vez em quando. Falando em Veneza, pareceu-me errado que certos críticos espanhóis me acusassem de blasfémia. Disse-se que a Sylvia Pinal aparece vestida de Cristo com uma barba e que dá patadas a um cordeiro. Mas ela é a reencarnação do demónio. É rigoroso que nos primeiros tempos do cristianismo o demónio aparecia sob a forma de Cristo. Em toda a sua aparição leva um borrego, como o Bom Pastor do fresco de Gala Placidia, de Ravena. (...) Deixei *Simão* com quarenta minutos por problemas económicos, mas também porque, como é uma história linear, podia terminar aí. Na segunda parte — que já não farei — previa*

que *Simão* — depois de ter sido levado a um club de *surf* de Nova Iorque — era devolvido pelo demónio ao seu tempo. Ali, morreria em pecado mortal, depois de sucumbir às tentações da carne. Isto já não vou rodar. Disse ao produtor que, assim que o apresentasse em Veneza, o terminaria, mas agora já passou a oportunidade,

GRIFFITH — Pensou em completar o filme com um outro episódio?

*BUÑUEL — Sim, o produtor quer chegar à metragem normal com outra visão complementar de um mundo parecido. Fez diligências com o Kubrick. Eu não sabia — como vocês dizem — que se tinha falado com o Welles para fazer um episódio. Também se fizeram diligências com o De Sica. O único que creio ser capaz de fazer algo que pudesse “ir” com o *Simão* seria o Fellini.*

GRIFFITH — Há pouco falou em problemas económicos. Houve limitações de produção?

*BUÑUEL — Sim. Há cenas em que não há *raccord* nos céus ao fundo de *Simão*. Numa mesma cena há nuvens e céu azul. Não podia esperar que houvesse unidade. Isto apenas se nota com trabalho de laboratório, mas existe. Na peregrinação necessitava de umas quinhentas pessoas e apenas tive oitenta (...) Era preciso falsear tudo para que a peregrinação parecesse maior do que era e cobrisse a superfície necessária. Rodei o filme em dezoito dias. Em todo o mundo, não há mais do que uma cópia. Insisto que se trata de um documentário. (...)*

GRIFFITH — Como escreve os seus guiões?

BUÑUEL — Necessito de ter sempre um colaborador. Se me coloco a escrever uma cena, demoro três dias, enquanto que um escritor, depois de uma extensa conversa, demora três horas. Estou presente em tudo porque é o meu filme. (...) Como as histórias são quase sempre minhas, não há dificuldade. Para mim é um entusiasmo trabalhar com outra pessoa. (...)

*GRIFFITH — Sabe latim? O que aconteceu com uma cópia em latim pensada para *Simão do Deserto*?*

BUÑUEL — Pensei em rodar em latim, mas, em último caso, não correspondia a uma verdade histórica. A maior parte dos monges falava apenas sírio e eram analfabetos. Havia conventos com apenas um monge sacerdote e cinquenta leigos analfabetos. Uma parte ficou em latim e o diabo canta ao anacoreta um poema de Catulo.